ARTE E FOTOGRAFIA: UM ESTUDO SEMIÓTICO À LUZ DA PANDEMIA DE COVID-19

Art and photography: a semiotic study in light of the Covid-19 pandemic

SOLON RUFINO, Ana Clara
Universidade da Amazônia

Araújo Darwich, Rosângela
Universidade da Amazônia

Resumo: O objetivo deste artigo é investigar as relações entre uma pintura, uma fotografia presente em uma matéria jornalística e a necropolítica que foi amplificada durante a pandemia de Covid-19 no Brasil. Utilizou-se, para esta finalidade, a obra “Retirantes”, de Cândido Portinari, e um registro fotográfico de Ricardo Borges, que compõe uma reportagem na revista Veja. O método dialético foi escolhido para investigação da pesquisa, que evidenciou as contradições agravadas com o decorrer da pandemia. Foi verificado que a necropolítica estabelecida pelo governo federal na gestão da crise sanitária de combate ao vírus resultou no aumento significativo das desigualdades sociais, tornando atuais imagens da miséria da população brasileira.

Palavras-chave: pintura; fotografia; necropolítica.

Abstract: The aim of this article is to investigate the relationship between a painting, a photograph present in a journalistic story and the necropolitics that was amplified during the Covid-19 pandemic in Brazil. For this purpose, the work “Retirantes”, by Cândido Portinari, and a photographic record by Ricardo Borges, which are part of a report in Veja magazine, were used. The dialectical method was chosen to investigate the research, which highlighted the contradictions that were aggravated during the course of the pandemic. It was verified that the necropolitics established by the federal government in the management of the sanitary crisis to combat the virus resulted in a significant increase in social inequalities, making current images of the poverty of the Brazilian population.

Keywords: painting; photography; necropolitics.

INTRODUÇÃO

A arte possibilita a comunicação com a sociedade por meio de seus processos criativos que, com espetáculos, filmes, teatro, exposições, shows, pintura, música, dentre outros eventos, conseguem estimular as pessoas a experimentações que levam a reflexões, pensamento crítico, emoções, afetividade e troca de saberes e, com isso, à criação de novos conhecimentos. O ser humano consegue se

expressar por meio da arte como forma de representar seu meio social. Logo, utiliza a expressão artística de forma simbólica para representação da realidade, apresentando a diversidade cultural como um de seus enfoques principais, emergentes da sociedade em suas dimensões culturais (ROCHA NETO, 2006).

Nesse contexto, as produções artísticas são compreendidas como um produto do trabalho humano e constituídas de significados que são diretamente relacionados às culturas, lugares e tempos distintos. As artes plásticas, por exemplo, utilizando imagens como um dos elementos que constitui um objeto artístico, imprimem significados que se relacionam aos conhecimentos que embasam os mais variados olhares sobre elas.

A linguagem visual representada pelas artes plásticas, bem como a escrita, pode ser acrescida de informações complementares que possam auxiliar no entendimento das complexidades que a cercam. Nesse sentido,

> A leitura de imagens tem chamado a atenção tanto dos professores como dos alunos de áreas de conhecimento que têm a imagem como objeto de interesse, sendo que a educação através da imagem, embora possa distinguir-se da educação para a imagem, implica na formação dos professores que desejam utilizar a imagem como auxiliar do processo de comunicação pedagógica e também na formação do próprio aluno para conviver no que podemos chamar de uma “sociedade da imagem” (ROCHA NETO, 2006, p. 12).

Com isso, entende-se esse processo de interpretação dos signos como algo que comunica e é capaz de transmitir mensagens através dos significados que o conceito de semiótica preconiza, como no caso de uma teoria geral de processos de significação (SANTAELLA, 1983).

Vale ressaltar, em tal contexto, que a fotografia tanto pode refletir um processo artístico, fundamentado na subjetividade expressa por meio da imagem, como pode ser compreendida como forma de enquadramento da realidade, com vistas a reproduzi-la (SANTAELLA, 1983). Neste sentido, o método dialético de investigação foi considerado como apropriado à abordagem de um tema de relevância teórica, ideológica e política da realidade de uma sociedade (FRIGOTTO, 2001).Mais especificamente, a escolha do método derivou da necessidade de favorecer um melhor entendimento acerca da abordagem da temática em questão, no que tange à concepção de mundo e do problema abordado, levando em conta toda a sua historicidade e buscando explicar preceitos fundamentais da pesquisa e

de sua relevância social. Como fundamento, vale destacar que a dialética materialista histórica é considerada

> enquanto uma postura, ou concepção de mundo; enquanto um método que permite uma apreensão radical (que vai à raiz) da realidade; e enquanto praxis, isto é, unidade de teoria e prática na busca da transformação e de novas sínteses no plano do conhecimento e no plano da realidade histórica (FRIGOTTO, 2001, p. 73).

Sendo assim, este estudo objetivou investigar relações entre uma pintura, uma fotografia presente em uma matéria jornalística e a necropolítica que foi amplificada durante a pandemia de Covid-19 no Brasil. Para tanto, lança mão de análises comparativas entre uma pintura do artista brasileiro Cândido Portinari, intitulada “Retirantes”, feita em 1944, que aborda o tema da migração nordestina, triste realidade de parte da população brasileira, que deixa seu lugar de origem em busca de melhores condições de vida em outras partes do país, uma fotografia de Ricardo Borges, publicada na Revista Veja (2021), retratando uma família mediante a realidade social atual, que envolve os efeitos da pandemia de Covid-19 no Brasil e, assim, impactos da necropolítica em vigor.

Combate ao Coronavírus e Necropolítica no Brasil

A pandemia de Covid-19 apresentou-se em escala global como uma situação inédita e extremamente alarmante em seu alto nível de força destrutiva pelo grau de disseminação e contágio acelerado do novo coronavírus. No Brasil, o negacionismo do governo Bolsonaro contribuiu para que houvesse repulsa na população a medidas de prevenção sanitárias, distanciamento social e lockdown, recomendadas mundialmente, o que contribuiu para a propagação do vírus e, consequentemente, para o aumento no número de vítimas. O país que já vislumbrava problemas econômicos, devido, por exemplo, à falta de ações enérgicas para conter a inflação, ficou ainda mais fragilizado devido a mazelas sociais, como questões raciais, de gênero, de classes e de acesso à saúde e moradia, as quais afetam o seguimento das medidas preventivas recomendadas. Ressalta-se, ainda, que a mobilização mundial para o fechamento de fronteiras nacionais, na tentativa de frear a disseminação do coronavírus, não foi aceita pelo governo brasileiro que também,

neste sentido, optou por não minimizar os efeitos do vírus e seus impactos para a população (SILVEIRA, 2020).

Sem o apoio da União Federal, governadores dos estados, temendo o pior, recorreram ao Supremo Tribunal Federal (STF) para que pudessem agir por conta própria, aplicando medidas preventivas contra o coronavírus, como a compra de vacinas. Ainda assim, o resultado geral, extremamente negativo, não pôde ser evitado, fazendo com que o Brasil se tornasse epicentro da pandemia no mundo todo, fato este noticiado largamente, causando notoriedade negativa ao país e evidenciando sua má governabilidade (SILVEIRA, 2020).

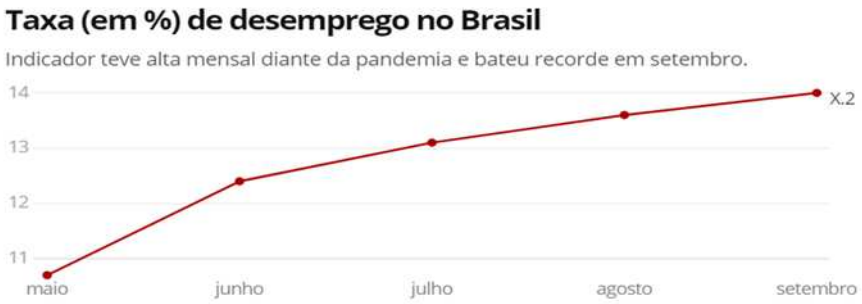
Uma das iniciativas que exemplificam a má gestão do governo brasileiro é referente à restrição de acesso às informações e à divulgação dos dados sobre a pandemia da Covid-19, comprometendo a transparência das informações divulgadas como forma de minimizar a gravidade da pandemia no país. Diante dessa imposição, foi formada uma parceria por meio de um consórcio de veículos de imprensa que passou a coletar as informações diretamente das Secretarias de Saúde para divulgar dados sobre o número atualizado de casos de contaminação e de mortes decorrentes do coronavírus.

> O governo federal, por meio do Ministério da Saúde, deveria ser a fonte natural desses números, mas atitudes recentes de autoridades e do próprio presidente colocam em dúvida a disponibilidade dos dados e sua precisão. Mudanças feitas pelo Ministério da Saúde na publicação de seu balanço da pandemia reduziram a quantidade e a qualidade dos dados. Primeiro, o horário de divulgação, que era às 17h na gestão do ministro Luiz Henrique Mandetta (até 17 de abril), passou para as 19h e depois para as 22h. Isso dificulta ou inviabiliza a publicação dos dados em telejornais e veículos impressos [...]. A segunda alteração foi de caráter qualitativo. O portal no qual o ministério divulga o número de mortos e contaminados foi retirado do ar na noite da última quinta-feira (4). Quando retornou, depois de mais de 19 horas, passou a apresentar apenas informações sobre os casos “novos”, ou seja, registrados no próprio dia. Desapareceram os números consolidados e o histórico da doença desde seu começo. Também foram eliminados do site os links para downloads de dados em formato de tabela, essenciais para análises de pesquisadores e jornalistas, e que alimentavam outras iniciativas de divulgação (G1, 2020, p. 1).

Somadas à demora na tomada de decisões de combate ao coronavírus pelo governo brasileiro, consequências negativas relacionadas à economia brasileira surgiram, pois, uma vez que a suspensão das atividades laborais regulares foi sendo efetivada, à medida em que a pandemia se agravava, empresas tiveram que liberar

seus funcionários para o trabalho em estilo home office , assegurando a funcionalidade presencial somente dos serviços considerados essenciais, e com restrições, obedecendo às recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS). Algumas empresas demitiram funcionários e outras não resistiram e tiveram que fechar as portas, ocasionando o crescimento do desemprego no país e criando um abismo social maior ainda entre as classes (SILVEIRA, 2020). Os números referentes ao desemprego bateram recorde no país, como mostra o Gráfico 1.

Gráfico 1 - Desemprego em 2020



Fonte: Economia / G1 (2020)

Para além do aumento na taxa de desemprego de 11 a 14% entre maio e setembro de 2020, observa-se que muito pouco foi feito na tentativa de ajudar a população brasileira ao longo da pandemia. O auxílio emergencial, por exemplo, demorou a ser discutido e aprovado para repasse, pois, enfrentou resistência do próprio governo, que apresentou inúmeras dificuldades na sua execução, passando por diversas fraudes. Ao final, pessoas que realmente estavam necessitando desse recurso não foram atendidas, enquanto pessoas que não atendiam os requisitos estipulados foram contempladas e, de acordo com Silveira (2020), a ajuda prometida pelo governo federal para os empresários também não foi efetivada de forma satisfatória e, por isso, levou a uma crise econômica que se ampliou ainda mais enquanto a pandemia se agravava.

Atrelado a isso, todo o aparato que envolvia as recomendações sanitárias básicas de combate ao coronavírus foi posta em xeque à medida que as desigualdades sociais se acentuavam e ganhavam visibilidade. As mínimas condições de higiene, como saneamento básico, água e sabão para lavar as mãos, não estavam sendo garantidas a uma grande parcela da população brasileira, bem

como acesso às máscaras de proteção adequadas e a álcool 70º INPM (Instituto Nacional de Pesos e Medidas). Pessoas em situação de rua, por exemplo, não tiveram quase ou nenhum apoio com relação às medidas adotadas pelo Governo Federal.

Nesse contexto, a vulnerabilidade das comunidades com maior excedente populacional, como no caso das favelas, o contágio avançou de forma desordenada, causando colapso no sistema de saúde brasileiro, que não deu conta de manter o atendimento das pessoas que procuravam por ajuda. Nas comunidades, a efetividade do isolamento social não se fazia presente. Ao invés disso, observaram-se ruas movimentadas, lojas, mercados e bares funcionando, com livre circulação de pessoas, sem restrições, demonstrando que o poder público fracassou, pois não conseguia atingir a fiscalização nessas comunidades.

> Estampado em uma faixa pendurada na entrada da Rocinha, o aviso “Fique dentro de casa” tem efeito meramente decorativo. Lá a quarentena não está valendo, e não se vê sinal do poder público para frear o comércio, quase todo aberto com o aval das autoridades locais – no caso, as do tráfico, que historicamente dão as cartas nesse naco da cidade. No começo, houve até certo grau de isolamento, por ordem dos próprios bandidos. Não mais: eles foram avistados pela reportagem vendendo drogas à vontade debaixo do sol. As ruas estavam coalhadas de gente e formavam-se ruidosas aglomerações nos bares. Festas e forrós embalam a noite como se uma pandemia não assolasse o planeta (SILVEIRA; CERQUEIRA, 2020, p. 4).

Outro fator que contribuiu para o crescimento da pandemia no Brasil foi a instabilidade política, representada por mudanças constantes do gestor responsável pelo Ministério da Saúde no auge da crise sanitária. Isto se deu devido às discordâncias dos ministros que assumiram o papel de gestor das ações de combate ao coronavírus com o presidente da república, que não aprovava as medidas recomendadas mundialmente.

Ressalta-se que, ao enfrentar uma crise gravíssima, como a da pandemia de Covid-19, seria ideal que as políticas públicas pudessem dispor de alguma previsibilidade e ações enérgicas. Infelizmente, diante do quadro político e socioeconômico do Brasil, somado à crise econômica, a realidade social só se agravou, trazendo consequências catastróficas devido à inexistência de políticas públicas para a condução da crise.

> As Políticas Públicas são a totalidade de ações, metas e planos que os governos (nacionais, estaduais ou municipais) traçam para alcançar o bem-estar da sociedade e o interesse público. É certo que as ações que os dirigentes públicos (os governantes ou os tomadores de decisões) selecionam (suas prioridades) são aquelas que eles entendem serem as demandas ou expectativas da sociedade (CALDAS, p. 5).

Considerando que necropolítica corresponde ao uso do poder social e político para decretar como algumas pessoas podem viver e como outras devem morrer, destacando a distribuição desigual de oportunidades de viver e morrer no sistema capitalista atual, o termo trata de um questionamento acerca de o Estado possuir ou não uma "licença para matar" em prol de um discurso de ordem (MBEMBE, 2016). Compreende-se, assim, a adequação do termo à situação atual no Brasil, em que se caminha na contramão do entendimento sobre governabilidade, com descaso em torno das medidas sanitárias recomendadas, porém exequíveis apenas por uma parcela privilegiada da população (BRUNO; CERQUEIRA, 2020).

SIMBOLOGIA NA OBRA "RETIRANTES" E EM REGISTRO FOTOGRÁFICO DE UMA FAMÍLIA NA PANDEMIA

As artes trazem com elas possibilidades de estímulos e experimentações bastante sensíveis para o ser humano. Ao mesmo tempo, podem ter interpretações e significados distintos e variados, reportando à relação de mistérios, revelações, indagações e expressões dependentes de um contexto influenciado por realidades e culturas especificas. Sobre isso, Rocha Neto (2006, p. 15) afirma que "não há leitura de imagens que não seja influenciada pela experiência de vida do leitor".

Neste estudo, analisa-se uma obra de Cândido Portinari (1903-1962), pintor brasileiro que ficou conhecido por ser um artista que buscava retratar a temática do homem/povo brasileiro e suas questões sociais e históricas, contribuindo, assim, com a formação da cultura nacional com suas obras singulares que destacam o sofrimento humano e mazelas sociais. Portinari retratou, em 1944, uma família que precisa abandonar sua terra para fugir da miséria e da fome, abordando o tema da migração nordestina, triste realidade de parte do povo brasileiro que deixa seu lugar de origem em busca de melhores condições de vida em outras partes do país por não conseguirem prosperar em sua terra natal (Imagem 1).

Imagem 1 - Retirantes (1944)



Fonte: Pintura óleo/tela © Projeto Portinari

Muitas são as simbologias presentes nessa obra, a qual destaca peculiaridades inerentes à concretude nas expressões e a composição de força e sofrimento com que retrata emoções da forma mais realista possível, proporcionando uma maior aproximação de quem a observa, causando grande impacto nas sensações e sentimentos. Uma enorme carga dramática predomina na

pintura, o que remete a algo trágico, triste e que comove quem está observando-a na forma dos signos que são representados através de imagens.

Para tanto, entendendo o signo que, segundo Melo e Melo (2015), serve como um meio de comunicação entre indivíduos, podendo ser compreendidos como possibilidades de identificação análoga que variam com base na cultura em que cada um se insere, em contato com a arte. A percepção, enquanto ocorrência individual, é tratada como uma rede de significados que circundam os seres humanos e que culminam na comunicação como ferramenta para interpretações, reproduções, manutenção e transformação desses significados (HARVEY, 2008).

Diante da família de retirantes na pintura de Portinari, é possível fazer alusão à tristeza e à miséria que a cerca no ambiente materializado de forma sombria, quase que sem vida. Para evidenciar o desespero das personagens que buscam por sobrevivência ao sair de seu local de moradia, destacando as feições em seus rostos desesperançosos, que culmina em uma crítica social, destaca-se, portanto, a aparência das personagens, principalmente das crianças presentes na tela em questão, com olhares desolados e estrutura física bastante debilitada, subnutrida e raquítica.

A vulnerabilidade dessa família é retratada de maneira chocante à medida em que se notam elementos como as aves que sobrevoam a família –urubus –, que costumam se alimentar de carcaças, pairando como se estivessem à espreita para abocanhar alguma coisa, fazendo com que se acredite que o alvo é, exatamente, a família que caminha pelo território seco, sombrio e desolador.

A condição social dos retirantes também é evidenciada por alguns elementos, como os pés descalços tocando diretamente o solo duro e seco, bem como as vestimentas – e a ausência dela em uma das crianças, por exemplo – e os adereços humildes atrelados à sensação de cansaço ilustrada tão enfaticamente nas expressões corporais e faciais, denotando a falta de expectativas por sua condição de extrema pobreza, que, de um modo geral, denuncia as mazelas sociais inerentes às desigualdades sociais existentes no Brasil.

Os aspectos destacados acerca da necropolítica do governo brasileiro no trato com a pandemia, no tópico anterior, e a análise das simbologias existentes na obra de Cândido Portinari, servem como base de comparação com uma fotografia registrada por Ricardo Borges em uma reportagem publicada para a Revista VEJA,

em 2020, que registra uma família que tenta sobreviver em uma situação de extrema pobreza no cenário da pandemia no Brasil. São analisados elementos e características que sugerem sua relação de singularidade com os que foram destacados na obra “Retirantes”.

A foto em questão causa grande impacto pela representação da família com olhar desolado, desesperançoso e pelo ambiente desolador, insalubre e propício à proliferação do vírus dadas as condições precárias de habitação (Imagem 2).

Imagem 2 - Desemprego em 2020



Fonte: Borges (2020)

Buscando simbologias que alinham com a análise da obra de Portinari, pode-se inferir também a relação direta de, apesar do uso das máscaras, ser possível a identificação das expressões das pessoas registradas na foto, na forma de um contraste que mistura força e desânimo, no sentido de preocupação e desesperança. A vulnerabilidade dessa família, bem como a sensação de tristeza e fragilidade, faz alusão à miséria que a cerca, de acordo com os elementos que compõem esse registro.

A estrutura da casa, que serve de fundo para este cenário, remete a uma obra inacabada, com tapumes e madeiras encostadas. Tem-se, assim, a realidade da moradia precária das comunidades das favelas brasileiras, criando a ideia de um ambiente nocivo para a sobrevivência, uma vez que a instalação elétrica, por exemplo, está exposta. Outro elemento que faz alusão a esse pensamento é o saco de lixo pendurado bem próximo de onde as pessoas transitam para ter acesso à casa, na escada de entrada, mostrando uma problemática referente ao descarte do lixo à regularidade na coleta.

Outro aspecto a ser levado em consideração, nesse contexto, se dá por meio da percepção de que há roupas estendidas próximo ao saco de lixo e a tapetes, evidenciando questões espaciais e estruturais do ambiente que refletem na salubridade e em condições de higiene básicas para manter os cuidados necessários de combate à disseminação do vírus. Se a recomendação mais difundida durante a pandemia é a higienização constante, não só pessoal, mas do ambiente, bem como das roupas, sapatos, pertences, em geral, como um todo, como esta família pode dar conta de cumprir tais medidas se não apresenta o mínimo de estrutura física para tanto?

De acordo com a reportagem da revista Veja, de maio de 2020, questiona-se exatamente a respeito dessa realidade refletindo sobre as recomendações sanitárias básicas para controle da pandemia, mediante a realidade das famílias residentes nas comunidades das favelas brasileiras, onde falta até o saneamento básico para higiene das mãos, por não ter água.

> [...] como seria na hora em que o inimigo invisível aterrissasse nos aglomerados de casebres plantados em meio à escassez – até mesmo de água para manter as mãos higienizadas e livres do vírus? Este capítulo da pandemia está sendo escrito à medida que as 6 300 favelas do Brasil registram curvas crescentes – e, se nada for feito, galopantes – de infectados. Quase 12 milhões de brasileiros vivem em favelas, 70 000 deles encarapitados na Rocinha (BRUNO; CERQUEIRA, 2020, p. 2).

As crianças também chamam a atenção no registro por suas expressões entristecidas, pouco comum para suas idades. Os adultos – apenas mulheres, realidade de muitas famílias brasileiras –, com vestimentas simples, adereços quase que inexistentes e pés descalços tocando o solo, também duro e seco, trazem, no geral, elementos similares aos identificados na obra “Os retirantes” e que também

remetem às expressões corporais e faciais, que denotam a falta de expectativas por sua condição de extrema pobreza, denunciando, mais uma vez, as mazelas sociais inerentes às desigualdades sociais existentes no Brasil e que, com a pandemia instaurada, só se agravam.

No entanto, há de se destacar também, dentre as simbologias presentes nas duas imagens selecionadas para esta análise, um elemento característico que as difere. Uma família, a primeira, está evidentemente ingressa em uma jornada em busca de sobrevivência fora do seu local de origem. A outra, em conformidade com sua condição ou simplesmente por não ter a migração como alternativa próxima, mantém-se no seu local de moradia, mesmo com todas as limitações, na tentativa de sobreviver na ausência de políticas públicas efetivas que a auxilie a atravessar a pandemia com dignidade.

Nesse contexto, reflete-se, então, sobre o fracasso da gestão do governo federal diante da crise instaurada pela pandemia de Covid-19 representado pela necropolítica, por ele praticada nesse período e, portanto, pelo não atendimento às famílias que mais necessitam de auxílio, deixando-as praticamente abandonadas à sua própria sorte. A realidade de pobreza extrema, aliada às mazelas estruturais do espaço em que essas pessoas habitam, agrava ainda mais o quadro pandêmico devido à inércia do poder público.

Com base no que se pôde inferir, acerca das análises da pintura de Cândido Portinari e da fotografia de Ricardo Borges, afirma-se que as singularidades nas simbologias identificadas nos dois documentos, reafirmam, infelizmente, um quadro de desigualdade social vigente no Brasil que permanece avançando e foi ainda mais agravado devido às medidas abertamente inoperantes para a gestão da crise da pandemia pelo governo federal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Faz-se necessário entender expressões artísticas como fonte de contribuição para a formação do indivíduo em um processo de humanização, que abre espaço para que ele conheça sua origem, sua história e sua subjetividade. Soma-se a isso o poder que retratos da realidade, artísticos ou informativos, exercem sobre a expressão de sentimentos e sensações atrelados à emancipação

do sujeito que toma para si o conhecimento a partir de seus significados e interpretações da vida.

Portinari e Borges estiveram, cada um a seu modo, diante de uma família. A família criada pelo primeiro ressurge na família avistada pelo segundo. Os retirantes são contrapostos, assim, àqueles que já não têm para onde ir. É assim que a compreensão da necropolítica praticada pelo governo federal, que se fez presente na gestão da crise da pandemia de Covid-19, permite uma visão crítica sobre as desigualdades sociais no país, a partir da análise das simbologias inerentes às obras selecionadas. Do final da primeira metade do século XX aos anos 2020, quase oito décadas de oportunidade de construção de uma sociedade justa em solo brasileiro culminou com medidas do governo federal, diante de uma pandemia, que paradoxalmente a agravaram.

Entende-se que o que foi explorado aqui não é finito e espera-se que seja tratado como um incentivo para ampliar a realização de estudos como este, que buscam compreender justamente o conhecimento em constante movimento de construção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUNO, Cássio; CERQUEIRA, Sofia. O coronavírus dispara nas favelas. **Revista Veja**, ed. Especial, 30 abril de 2020. Disponível em: https://veja.abril.com.br/brasil/o-coronavirus-chega-a-favela. Acesso em: 16 jul. 2021.

CALDAS, Ricardo Wahrendorff. **Políticas Públicas**: conceitos e práticas / supervisão por Brenner Lopes e Jefferson Ney Amaral. Belo Horizonte: Sebrae/MG, 2008.

FRIGOTTO, Gaudêncio. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: FAZENDA, I. (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2001, p. 69-90.

G1. **Veículos de comunicação formam parceria para dar transparência a dados de Covid-19**. 08 jun. 2020. Disponível em: https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/08/veiculos-de-comunicacao-formam-parceria-para-dar-transparencia-a-dados-de-covid-19.ghtml. Acesso em: 22 jul. 2021.

G1. **Brasil registra mais de 539 mil mortes de Covid na pandemia; em queda, média móvel é a mais baixa desde 1º de março.** 15 jul. Disponível em: https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/07/15/brasil-registra-mais-de-539-mil-mortes-de-covid-na-pandemia-em-queda-media-movel-e-a-mais-baixa-desde-1o-de-marco.ghtml Acesso em: 16 jul. 2021.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna.** 17. ed. São Paulo: Loyola, 2008.

MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção e política da morte. **Arte & Ensaios**, v. 32, p. 122-151, 2016.

MELO, Desirée Paschoal de; MELO, Venise Paschoal de. **Uma introdução à semiótica peirceana**. Paraná: Unicentro, 2015.

PORTINARI, Cândido. **Projeto Portinari**. Retirantes. Pintura óleo/tela, 1944. Disponível em: http://www.portinari.org.br/#/acervo/obra/2733. Acesso em: 27 jul. 2021.

ROCHA NETO, Manoel Alves da. **Possibilidades de leitura na obra "Retirantes" de Cândido Portinari**. Monografia (Curso de Artes Plásticas). Universidade Federal de Uberlândia, MG, p. 59. 2006.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica.** Coleção primeiros passos. Editora: Brasiliense, v. 103, 1983.

SILVEIRA, Daniel. Desemprego diante da pandemia bate recorde no Brasil em setembro, aponta IBGE. **G1**. Rio de Janeiro, 23 out. 2020. Disponível em: https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/10/23/no-de-desempregados-diante-da-pandemia-aumentou-em-34-milhoes-em-cinco-meses-aponta-ibge.ghtml. Acesso em: 27 jul. 2021.

Sobre os autores

Ana Clara Solon Rufino
Graduada em Artes Visuais e Tecnologia da Imagem pela Universidade da Amazônia. Mestranda pelo Programa Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC), Universidade da Amazônia.
E-mail para contato: clara.solon@hotmail.com

Rosângela Araújo Darwich
Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) e do curso de Psicologia da Universidade da Amazônia. Doutorado em Psicologia: Teoria e Pesquisa do Comportamento (PPGTPC/UFPA) e estágio pós-doutoral na Universidade Protestante de Ciências Aplicadas de Freiburg, Alemanha.
E-mail para contato: rosangeladarwich@yahoo.com.br